
O PLÁTANO E EU

(PRIMEIRAS FOLHAS)



Dossiê

Imaginários Botânicos

Organizadoras:

Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues



Dra. Isabel Kranz



Dra. Maria Esther Maciel



v. 31, n. 60, dez. 2022
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 29/04/2022

Aprovado em: 31/06/2022

Distribuído sob



Adalberto Müller

adalbertomuller@id.uff.br

Professor de Teoria da Literatura na Universidade Federal Fluminense.

*Ombra Mai fu
Di vegetabile
Cara ed amabile
Soave più
Frondi tenere e belle
Del mio Platano amato¹*

Incitado a falar de um livro que publiquei em 2019 sobre plantas, *Transplantações (do jardim da minha mãe* – uma pequena autobiografia escrita a partir da perspectiva das plantas –, dei-me a pensar novamente a planta. E a planta me levou ao plátano.

Certamente em virtude de algum tropismo mental: fonético ou gramatical...

... E brotou-me este título: “O plátano e eu”.

Título que evoca certamente o belo livro Juan Ramón Jiménez, *Platero y Yo*. Platero é um burro, um animal quero dizer. O burro Platero é tão dócil, é quase uma planta que anda. No seu lombo, o poeta passeia, e o poema se faz. “Nos entendemos bien. Yo lo deajo ir a su antojo, y él me lleva siempre adonde quiero”

1 Convido os leitores a preceder a leitura do ensaio com a audição da ária “Ombra mai fu” (Händel, *Xerxes*[ou: *Serse*]). O tema dessa ária da ópera de Händel vem de uma passagem sobre Xerxes encontrada em Heródoto (livro 7, 31): a caminho da Lídia, Xerxes encontra um plátano, que adorna de ouro devido à sua beleza, designando um de seus soldados para fazer guarda eternamente ao seu lado. Eu sou o guarda de Xerxes.

Assim também, nos damos bem, eu e o plátano. Eu o deixo seguir sua vontade de subdividir-se infinitamente, mas sem sair do lugar.

Plátano, Platero, Plantageneta.

Planta-Genêt.

*Glas*³.

Entre tropos e tropismos, danço.

Suponham, caros leitores, uma árvore genealógica que começa com o primeiro dos Plantagenetas, ou de qualquer dessas longas dinastias da alta Idade Média, com numerosas ramificações por toda a Europa. Suponham que a linhagem de todos os descendentes diretos e indiretos vem até os dias de hoje.

Bem.

Depois disso, suponham que, nessa descendência, todos estão vivos e vivem no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Pronto.

Esse mesmo lugar ao mesmo tempo é uma árvore.

Um plátano é uma árvore genealógica de centenas de indivíduos vivendo simultaneamente no mesmo espaço.

Corpos vivendo no mesmo espaço.

Ou quase.

Moral da genealogia:

Eu sou apenas uma sombra que passa na vida de uma árvore genealógica.

Uma sombra que passa num passeio.

Público.

A divisão dos membros do plátano.

“O jardim dos caminhos que se bifurcam”.

A escrita do plátano.

A escrita das plantas procede por divisões infinitas de um mesmo tema.

(Cf. Ponge: “Vegetação”³)

Assim seja.

Tema. Sema.

Semantema.

Espermas.

τὸν δὲ δικαίων τε καὶ καλῶν καὶ ἀγαθῶν ἐπιστήμας ἔχοντα τοῦ γεωργοῦφῶμεν ἦτρον νοῦν ἔχειν εἰς τὰ ἑαυτοῦ σπέρματα;

2 *Glas* é o livro de Jacques Derrida em que a questão vegetal aparece de forma mais intensa, e joga com o nome de Jean Genet, no qual Derrida vê o nome da planta *genêt* (giesta). Segundo Evando Nascimento, em *Glas*, “o estilo das flores se desdobra e eclode no outro estilo da reflexão derridiana, que não é filosófica *stricto sensu* nem propriamente literária, mas *pensante*.” Evando Nascimento. *O Pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021, p. 179. Cf. Jaques Derrida. *Glas*. Paris: Galilée, 1974.

3 Francis Ponge. *Partido das coisas*. Trad. Adalberto Müller. Posfácio de Marcelo Jacques de Moraes. São Paulo: Iluminuras, 2021.

E o homem que dispuser do conhecimento do justo, do belo e do bom, diremos que seria mais ajuizado do que o lavrador com suas sementes (*spermata*)? (F 276c⁴)

...com os pés atados

Nas cinzas confundidas,
Sentem flores em fuga, e seus espermatozoides alados,
tão leves nas descidas⁵.

Sabemos que o *Fedro* de Platão foi alvo de um grande ataque da filosofia contemporânea, com *A Farmácia de Platão*, de Jacques Derrida⁶. E que nesse “ataque” está em jogo a questão da escrita/escritura e a própria “metafísica ocidental”. Fala-se de venenos e remédios. Mas, não, das plantas, e muito menos do plátano. Assim, talvez, aqui se poderia, ao bel prazer, metendo esporas, transformar a “farmácia” de Platão em um “jardim da escrita”, lançando a dicotomia escrita/fala para fora do quintal indecível do indecível, para longe dos escombros de alguma desconstrução, retornando, *d’angle*, de um ângulo obtuso, ao texto de Platão, para recuperar nele, talvez, algo que não seja uma Grande Voz Metafísica (Paterna, que serviria para evocar um parricídio filosófico-literário, inclusive a golpes de marreta nietzscheana); algo como se pensar *em* Platão *como* escritor de fábulas, de peças fluidas, cambiantes, exuberantes, correndo todo o risco da acusação desde uma genealogia da moral, desde o ponto de vista de um rigoroso bigodão filosófico. Dane-se! Mais do que seguir essa outra dicotomia platônica (que é real) entre o jardim (o estético, o dispêndio) e a lavoura (o capital, a acumulação), talvez se possa seguir no *Fedro* a voz de um jardineiro-poeta que defende a boa agricultura da filosofia, mas não deixa de, contraditoriamente, semear poesia (“filosofia é poesia já dizia minha avó”):

οὐκ ἄρα σπουδῆ αὐτὰ ἐν ὕδατι γράψει μέλανι σπείρων διὰ καλάμου [:]
Não irá, por conseguinte, escrever na água suas coisas, semeando com cálamo
(*speíron diá kalámon*) [?] F 276c

σπείρω (spéiro), semear.

σπάω, (spáo), prosperar, estender, dá origem ao latim *spes*, de onde se forma esperança. *spem gregis*, a! a esperança da grei, ah! *fugere urbem*...fugir da cidade.

Recordam-me agora justamente – e de cor – esses fragmentos da *Bucólica*, I, de Virgílio, e não por acaso: o plátano solta suas sementes em inflorescências globosas (“pompons” de pompa estética ou esferas bélicas?) num um acaso calculado, e repetido milhares de vezes.

Criados em estufas, a partir de uma espécie híbrida, os plátanos do Passeio Público não se reproduzem. São estéreis. Lançam seus pompons sobre o asfalto, sobre o cimento, e sobre a grama. Os pompons se abrem, as sementes (os espermatozoides) se dispersam. Dissemina-se o sêmen.

Mas nada nasce.

Nada vinga.

Nada medra nessa pedra⁷.

4 Platão. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Prefácio de Benedito Nunes. Belém: EDUFPA, 2011. Doravante F, seguido da numeração das seções e parágrafos conforme o texto grego.

5 Paul Valéry, “O Plátano”, em *Feitiços [Charmes]*. Tradução de Roberto Zular e Álvaro Faleiros. São Paulo: Iluminuras, 2020, p. 36-43. Voltaremos ao plátano de Valéry.

6 Jacques Derrida. *A Farmácia de Platão*. Tradução de Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005 (Col. Pólen).

7 Apesar de estéreis, esses plátanos não deixam de viver socialmente como qualquer planta, lembra-me Jussara Salazar: “Morei alguns anos ao lado do Passeio Público. Essas árvores também abrigam as garças.”. Comentário publicado no Instagram de @adelwarth_muehle em 28/04/2022.

Em Ponge, o plátano, aparece como alegoria política da França não ocupada (“Languedoc”) como a esperança, a resistência. Referir-me-ei aqui a “Le platane” de Ponge (publicado em *Poésie* 42, 1942, e escrito sob/sobre a ocupação nazista): “também esses pompons, ó de raça antiga, que preparas em queda de braços para o rapto do vento”. Mais do que referir-me aos plátanos, quero traduzi-los. Transplantá-los, para usar a terminologia do meu opúsculo familiar de 2019.

Um livro jardim.

Jardim e família.

Família e gênero.

Espécie.

Especioso livro.

Whitehead.

“Albino giraffe”.

“Voilà comment j’écris Giraffe. Avec deux F.”

Marianne Moore e suas aspas.

Éperons.

Esperons.

Esperemos, de esporas.

Voltaremos ao plátano de Ponge, e talvez ao seu motivo, o “Le Platane” de Paul Valéry (*Charmes/Feitiços*). E, por que não, aos plátanos de William Carlos Williams (“The Young Sycamore”) e de Marianne Moore (“The Sycamore”)?

Pompons.

Pomponge.

Pompa.

Pompadour.

(cf. Ponge, “A mimosa”, 2005).

Em inglês os plátanos são chamados de *plane-trees*, *planes* ou *sycamores*. Há uma disseminação de nomes, no nome⁹ do plátano.

Há oito tipos de plátanos dentro da família *Platanaceae*. O mais antigo é provavelmente o *Platanus orientalis*, que é o plátano de Xerxes e de Platão (e da mitologia). Na Europa ocidental, há duas espécies, uma maior, o *Platanus occidentalis* (é provavelmente o plátano de Valéry), uma espécie híbrida, o *Platanus x hispanica* (que é o que bordeia as ruas de Paris, e aparece em Ponge. Segundo o site da Prefeitura de Paris⁸, o “platane commun”, como é chamado, ocupa 35% das calçadas de Paris (contra 15% de castanheiros). Nos EUA, há duas variedades distintas: O *Platanus occidentalis* recebe o nome de American sycamore (atenção: nome sycamore também designa uma outra planta, o *Ficus sycomorus*, um tipo de figueira, conhecida em português como sicômoro); e *Platanus x hispanica*, que recebe o nome de London plane (acredita-se que a hibridação se deu em Londres), e que é bastante comum nas ruas e parques de Nova York

8 Sobre a história e o sentido da nomenclatura botânica desde Linneu, ver: Fernando Calderón Quindós. *Filosofía vegetal. Cuatro estudios sobre Filosofía e Historia Natural*. Madrid: Abada, 2018.

9 Cf. <https://mairie20.paris.fr/pages/les-arbres-a-paris-et-dans-le-20e-leur-gestion-et-les-motifs-d-abattages-17194>

(como o Central Park). É provável que Marianne Moore se refira a um velho *Platanus occidentalis*, e, William Carlos Williams, a um jovem *Platanus x hispânica*. Essa espécie híbrida é a mais usada em parques e em espaços urbanos, uma vez que pode ser mais facilmente cultivada em estufas e depois serem transplantadas.

Como o plátano dispersa seus pompons.

Suas bombas.

Suas granadas.

Os pompons dispersam as sementes.

Os espermas.

Uma disseminação de espermas.

Sycamores.

Sic, amores.

Isto ainda é só a semente de uma árvore, um texto árvore.

Uma prolepse.

(ver a crítica de Goethe¹⁰ à ideia de *prolepsis plantarum* de Linneu.)

A escrita das plantas.

Uma escritura perpétua?

Uma escrita que se perpetua, certamente.

Uma “dialética no espaço”.

Tese, antítese, síntese.

Fotossíntese.

Foto = Síntese.



10 Goethe. *A Metamorfose das plantas*. Tradução de Fábio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019, esp. notas 18 a 21, do tradutor.

Quando retornei a Curitiba, depois de muitos anos, fiz questão de visitar os plátanos do Passeio Público, onde fotografei esse velho plântano.

O plátano é público.

O plátano é uma planta pública.

Uma assinatura pública.

Assim, natura publica-se, num passeio público.

Muita coisa mudou no Passeio Público e em volta do Passeio Público nesses vinte e poucos anos de história entre o plátano e eu. Muita coisa mudou na esfera pública, nesses últimos vinte anos. Passamos de uma série de governos públicos a um governo privado e fascista, privado e facinora... e eis que agora, novamente, nos renovamos, voltamos ao governo público. Muita coisa mudou em volta dos plátanos, que permanecem no passeio público, impassíveis às mudanças. Na verdade, na verdade verde, os plátanos mudaram também, lentamente, em outra escala.

Aliás, lembremos que o *Fedro* de Platão se inicia com um passeio público, no qual Fedro e Sócrates discutem os escritos do sofista Lísias sobre “amar quem não ama ou amar quem ama”. Não foi à sombra de um plátano que Platão assinou a filosofia com seu nome próprio¹¹? Um nome largo, πλατύς¹². Ou então, segundo o seu grande inquisidor contemporâneo, Platão teria assassinado a filosofia com um fármaco: remédio e veneno, filosofia da verdade contra a “ilusão” da *mimesis*, da poesia¹³. Ora, e se, a exemplo de Andrea Capra, considerarmos o poeta Platão deitado à sombra do filósofo Platão, à sombra do plátano que ele próprio plantou, à sombra de sua assinatura.

Assignatura¹⁴.

Assim, naturalmente releio Platão à sombra do plátano.

A que gênero de discursos pertence o *Fedro* de Platão? Como assinala no prefácio do *Fedro* o tradutor Carlos Alberto Nunes, esse diálogo sempre foi considerado incongruente e mal composto, pela pluralidade de temas que abarca, dos quais vale lembrar alguns: a) a discussão sofística “amar quem ama ou amar quem não ama”; b) a natureza “bifronte” da alma; d) o delírio (*manía*); e) a oposição entre o discurso oral e a escrita (que se converte na obsessão de Derrida), e, finalmente, entre os bons e maus escritos.

Ao contrário de Derrida, que lê o *Fedro* a partir do fim (do mito de Teuth, da “farmácia” da escrita/escritura), e que daí passa ao ataque à “metafísica da presença” do discurso socrático contra a escrita/escritura – tema central da filosofia de Derrida – prefiro partir do início. Um início bucólico (no sentido

11 Michael Marder, “The Philosopher's Plant 1.0: Plato's Plane Tree”: <https://www.project-syndicate.org/blog/plato-s-plane-tree>

12 Interessante observar que além de largo, πλατύς também deu origem ao termo “rua larga” (o que os americanos chamam de Broadway). πλατύς, εἶα, ὕ, Ion. fem. A. “πλατέα” Hdt.2.156; acc. pl. fem. “πλατέας” PMag.Par.1.1086:—wide, broad, “τελαμών” Il.5.796; “πτύον” 13.588; αἰπόλια πλατέ’ αἰγῶν broad herds, i.e. large or spread over a wide space, 2.474, Od.14.101, Hes.Th.445; “π. πρόσσοδοι” Pi.N.6.45; “ὄδοι” X.Cyr. 1.6.43, IG22.380.20; τὴν ὁδὸν τὴν π. Broad Street, SIG57.27 (Milet., v B.C.); similarly, “π. ὁδὸς τῶν θεῶν” PStrassb.85.22 (ii B.C.) (cf. infr. 11); “κιβώτιον π.” IG12.330.20; “τάφρος ὡς πλατυτάτη καὶ βαθυτάτη” X. Cyr.7.5.9. Henry George Liddell. Robert Scott. A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by. Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of. Roderick McKenzie. Oxford. Clarendon Press. 1940 (a partir do site www.perseus.edu).

13 Seria o “egípcio” Derrida mais afeito aos animais que às plantas? Não, segundo Evando Nascimento, que faz derivar (que põe à deriva) o pensamento do “animal” em Derrida para um pensamento vegetal.

14 Refiro-me ao livro de Derrida sobre Ponge, *Signéponge*, que comento no meu livro de 2019, e que Evando Nascimento melhor interpreta em *O Pensamento Vegetal*, no qual aborda também outro texto de Derrida sob/sobre as plantas: *Glas*. Ver, abaixo, a evocação aos Plantagenetas.

virgiliano), ou melhor, anacreôntico. Prefiro ver o filósofo sem sandálias, andado de pés nus pelas águas frias do rio, sentando-se à sombra do plátano:

FEDRO: Basta, frustraste minha esperança (*élpidos*), Sócrates, de aproveitar nosso encontro para fazer um exercício de memória. Mas onde queres que nos sentemos, a fim de ler a peça?

SÓCRATES: Sigamos por este atalho, na direção do [rio] Ilisso, e nos acomodem no ponto mais deleitável.

FEDRO: Vejo que fim bem em vir sem sandálias, que é como sempre andas. Poderemos, assim, caminhar o tempo todo com os pés n'água, o que não será desagradável, principalmente a estas horas e em tal época do ano.

SÓCRATES: Então, vai na frente e escolhe o lugar para nos sentarmos.

FEDRO. Estás vendo aquele plátano (*plátanon*) alto? [...]

SOCRATES [...] Por Hera! Que belo sítio para descansar! Este plátano (*plátanos*) realmente é tão copado quanto alto, e aquele pé de agnocasto além da sombra agradabilíssima que sua altura proporciona, embalsama toda a redondeza, por estar em plena florescência. E sob o plátano, também, que fonte encantadora! A água é bastante fria, o que os pés confirmam. Deve ser consagrada às ninfas e Aqueloo, a julgarmos por estas imagens e figurinhas. Observa também como aqui a brisa é delicada e aprazível; sua melodia clara e estival acompanha o coro das cigarras. Porém, o mais admirável de tudo é a relva que se eleva gradualmente para formar uma camada espessa. Se nos deitarmos nesse ponto, dispostos de travesseiro em tudo cômodo.

F, 229^a-230c

Tanto a sombra do plátano quanto a presença do agnocasto são anúncios dos grandes temas platônicos. É mais curiosa a presença, aqui, desse arbusto, o agnocasto (*Vitex agnus-castus*, usado como tanto como calmante quanto como excitante), que tanto evoca a questão da castidade quanto da fecundidade, segundo o estudo de André Motte¹⁵ sobre o plátano e outras plantas no *Fedro*. De certa maneira, essa ambiguidade castidade/fecundidade se relaciona com o tema erótico do *Fedro*, assim como o plátano já é uma imagem (*eidōs*) do plano filosófico de Platão, da imagem do enraizamento da mente filosófica na “árvore das ideias”.

Na detalhada e ampla leitura que faz do *Fedro*, Andrea Capra¹⁶ nos traz preciosas informações sobre a importância dessa abertura pastoral do diálogo platônico, que aqui traduzo, imaginando a importância que suas palavras poderão ter para quem, como eu, lê o *Fedro* sempre com grande entusiasmo. Vejamos, inicialmente a tese do livro de Capra:

O cerne deste livro é dedicado ao *Fedro* e à sua fascinante trama cultural, com particular atenção à poesia arcaica em suas dimensões performativas e biográficas. Estas são questões importantes e surpreendentemente negligenciadas, que, se corretamente compreendidas, podem lançar nova luz sobre como Platão se posicionou no contexto da sociedade ateniense, tanto como escritor quanto como

15 André Motte. Le pré sacré de Pan et des Nymphes dans le Phèdre de Platon. In: *L'antiquité classique*, Tome 32, fasc. 2, 1963. pp. 460-476. Também é curioso que o *agnocasto*, um fármaco, tenha passado sem nenhum comentário de um filósofo como Derrida, tão preocupado com a questão dos fármacos. Ou será que o que o preocupa, mais do que a coisa (o fármaco) é o nome, e, mais do que o nome, o nome escrito (a bula)?

16 Andrea Capra. *Plato's Four Muses: The Phaedrus and the Poetics of Philosophy*. Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2015 (Hellenic Studies Series 67) disponível em: http://nrs.harvard.edu/urn-3:hul.ebook:CHS_CapraA.Platos_Four_Muses.2014.

pensador. No entanto, este não é o lugar para antecipar a importância mais geral de meus argumentos. Em vez disso, minha preocupação imediata é fornecer alguma base geral para a interpretação deste diálogo. Há duas coisas, em particular, a serem levadas em conta: primeiro, que, no *Fedro*, o Platão que lemos é indiscutivelmente o mais autorreferencial de todos; e, segundo, que o diálogo é único no sentido de apresentar um caso consistente em prol de uma avaliação positiva da *inspiração*. Ambos os aspectos estão ligados a outra característica notável: a importância inigualável da paisagem natural.¹⁷

Da autorreferencialidade – ou assinatura – falaremos adiante. Por hora, vale lembrar que o que está em jogo na questão da inspiração. Para Capra, a famosa condenação dos poetas na *República* não significa que Platão de fato nutra aversão total pela poesia ou pelos gêneros literários do seu tempo: os próprios diálogos fazem parte de tais gêneros. Ademais, no discurso de Sócrates (e na escrita de Platão) não faltam metáforas e toda sorte de figuras de linguagem, além do uso recorrente dos mitos, que nada mais são do que pequenas narrativas destinadas a demonstrar seus argumentos de forma que hoje chamaríamos de literária. Ademais, na subdivisão “prismática” das ideias do *Fedro*, a inspiração poética e o delírio (*manía*) são um dos temas centrais, uma vez que os que amam de verdade são possuídos pelo delírio, tanto quanto as pitonisas e os poetas: “Quem se apresenta às portas da poesia sem estar atacado do delírio das Musas (*manías Mouson*), convencido de que apenas com o auxílio da técnica chegará a ser poeta de valor, revela-se só por isso de natureza espúria, vindo a eclipsar-se sua poesia, a do indivíduo equilibrado, pela do poeta tomado de delírio (*mainómenon*)” (F 245A).

Entre tantas outras coisas interessantes, Capra também comenta a relação onomástica de Platão com o plátano, citando um poema de Tímon de Fliunte, no qual o cético da escola de Pirro joga sofisticadamente com a similaridade entre *Plátōn* (Platão) e *platístakos* (espécie de peixe achatado e plano, *Bothus Lunatus*):

τῶν πάντων δ' ἡγεῖτο πλατίστακος, ἀλλ' ἀγορητῆς
ἡδυεπῆς, τέπτιζιν ἰσογράφος, οἱ θ' Ἑκαδήμου
δένδρει ἐφεζόμενοι ὄπα λειριόεσσαν εἰῖσιν.

E um peixe-placa, apesar de ser falante,
E com uma voz doce! Nos seus escritos, ele iguala as cigarras,
despejando o seu canto de lírios da árvore de *Academos*¹⁸.

É a partir daí que Andrea Capra vai aprofundar a questão da assinatura, da autorreferencialidade que se desvela no trocadilho plano-plátano-Platão:

O trocadilho, além disso, estende-se bem até à terceira linha. A menção das cigarras é sem dúvida uma alusão ao *Fedro* (e à *Ilíada* 3.150-152). Num ponto-chave do diálogo, as cigarras que cantam no plátano se transformam no tema do mito de Platão, que iguala a sua bela canção com a voz da filosofia. Ao mesmo tempo, a Academia de Platão era famosa pelas suas árvores, e os plátanos tinham justamente uma presença marcante na sua paisagem. Temos, portanto, uma anedota implícita que gira em torno da palavra *plátanos*, plátano, com o seu trocadilho sobre Platão e *platiskatos*. Assim, o plátano alude ao *Fedro* e, de uma

17 Capra, 2015, p. 34, grifo meu.

18 Traduzo a tradução de Capra, 2015, p. 34.

forma mais geral, aos escritos de Platão. Isto é confirmado sem qualquer dúvida por outros autores, tais como Fílitás, Cícero, Petrônio, e Aristeneto, que associam sem hesitação Platão ao plátano do *Fedro*...

A questão (derridiana) da assinatura se transforma em uma questão de natureza própria, de assinatura, sic natura, signo e natureza, natureza do signo:

...Será que o próprio Platão estava jogando com o seu nome próprio? Isto é certamente possível, uma vez que “Platão” foi logo interpretado como um apelido relacionado com o adjetivo plano, do qual a palavra *plátanos*, plátano, também derivou. Alguns estudiosos apresentaram argumentos convincentes nesse sentido, não só em relação ao *Fedro*, mas também a outros diálogos.¹⁹

Restaria perguntar sobre a natureza das coisas. Por que dizer-se, por exemplo, que o plátano é plano? Certamente, por suas folhas largas e planas, mas não pelo seu porte altivo, e, algumas vezes (longe das calçadas de Paris, onde adquirem o porte do cidadão comum, com sua baguete e seu jornal), monumental. O próprio Sócrates já tinha associado a “sombra agradabilíssima” à sua “altura”. Não há certamente nada de platitude no plátano, como tampouco há platitude em Platero. Antes, há candura, candor.

“Girafa albina”

Plátano-Platero.

E eu.

Candor no corpo, como um jovem da Cítia, mas preso pelos pés: um escravo do seu próprio chão (do seu nome?), dirá Paul Valéry nos seus *Charmes* (livro de 1922!):

Te inclinas, grande Plátano, e surges despido,
 Como um jovem da Cítia,
 Alvo, mas tens o candor preso e o pé retido
 Pela força do sítio.²⁰

Muito já se falou²¹ sobre a construção simétrica do poema de Valéry, que dispõe os temas do longo poema numa estrutura de vinte quartetos – compostos de versos de doze e seis sílabas – distribuídos, de acordo com os diferentes temas que desenvolve, em 4 + 4 + 2 + 4 + 4. Nos primeiros quatro quartetos, Valéry desenvolve o tema que vemos nessa estrofe (além da questão da cor branca do tronco, o “candor”): o Plátano não pode se mover, está preso inexoravelmente ao chão. O tom é, portanto, elegíaco, grave, e talvez o a referência à fábula “O Filósofo da Cítia”²² de La Fontaine reforce a gravidade. No segundo quartel de estrofes, Valéry irmana o plátano a outras árvores, incapazes de se comunicar entre si:

E vivem separados, choram, se confundem
 Em uma só ausência,
 E seus membros de prata eis que em vão se fendem²³

19 Capra, 2014, p. 35.

20 Cito o “Le Platane” de Valéry a partir da bela e recente tradução brasileira: Paul Valéry. *Feitiços [Charmes]*. Tradução de Roberto Zular e Álvaro Faleiros. São Paulo: Iluminuras, 2020, p. 36-43. Não posso reproduzir o poema inteiramente aqui, mas recomendo fortemente a sua leitura.

21 Por exemplo, L.J. Austin, *The Negative Plane Tree*, L'Esprit Créateur, Vol. 4, No. 1, Paul Valéry (Spring 1964), pp. 3-10.

22 Se é essa a referência de Valéry, é bastante irônica: trata-se da história de um filósofo da Cítia, que viaja à Grécia, e lá vê um ancião podando as plantas do jardim, sem entender a razão. Ao retornar ao seu país, tenta fazer o mesmo, mas o faz de forma desastrosa, e destrói seu vergel.

23 Na edição brasileira lê-se “...se fundem”, embora o verbo seja “fendre” (fender, rachar), e não “fondre” (fundir). Pedindo a licença poética, retornei aqui ao “fendre”, já que se trata das divisões naturais das árvores, que seriam, para o poeta, uma tentativa de “comunicação” que acaba também frustrada.

Na sua doce nascença.

Para Valéry, as árvores são incapazes de sentimentos e de afeto, coisa que as duas estrofes seguintes de Valéry querem demonstrar, ao introduzir a imagem de uma alma desejosa que se comunica com Afrodite.

Stefano Mancuso comprova, todavia, que as árvores se comunicam de diversas formas: internamente (já que a árvore é uma comunidade de indivíduos, e não um indivíduo isolado); externamente, com outras plantas da mesma ou de outras espécies, seja pelas raízes, seja por “gestos” que dependem de uma observação mais lenta (Mancuso inclusive descreve o comportamento das árvores com seus “parentes”); e enfim, as árvores se comunicam com os animais, e essa comunicação se dá tanto em função de sua reprodução quanto de sua sobrevivência.²⁴ Restaria dizer que as árvores e as plantas não apenas se comunicam, mas também comunicam, produzem informação e comunicação, sobretudo no corpo humano, onde provocam todo tipo de reações que vão do movimento ao entorpecimento, da excitação ao esquecimento, do sono à viagem transcendental (lembramos do uso do mate (*kaa*) entre os Guarani Mbyá e da *yakōana* entre os xamãs Yanomami.). Para os Achuar, algumas plantas são tratadas como membros da família²⁵. Para os Guarani (Nhandeva, Kaiowá, Mbyá), o milho é sagrado, e se confunde com Jakaira, o ancestral celeste. Os Guarani preservam com afincos variedades de milho que desapareceram totalmente das grandes lavouras de milho transgênico no Brasil.

No terceiro quartel de estrofes, o poeta incita o plátano – quase num tom de súplica – a “gemer” e a “flagelar-se”, para poder escapar à imobilidade, mas constata que a árvore apenas se contorce sobre si mesma (as imagens de torsão, aliás, são notáveis no tronco dos plátanos adultos). Nas últimas quatro estrofes, surge mais claramente o propósito do poema: comparando o tronco do plátano às coxas de um cavalo, o poeta afirma que plátano foi escolhido para que pudesse ser o “cavalo” (no sentido da umbanda) da poesia, ou seja, para poder exprimir uma linguagem. Surpreendentemente, pela primeira vez no poema, o próprio plátano fala:

Diz a árvore: Não! Diz pelo resplandecer
De sua cabeça altiva,
Que a tempestade trata como todo ser
Tal como faz com a relva!

Por mais retórico que soe – e é, de fato, retórico, se pararmos para pensar –, esse “Não!” final da árvore diante dos apelos do poeta para que ela se comunique tem grande importância para pensarmos a nossa relação com o plátano e com as plantas. Em que medida podemos pretender escutar o que de fato “dizem” as plantas? E até que ponto podemos ou devemos poetizar as plantas ou nossa relação com elas? Para L. J. Austin, na interpretação de faz do poema de Valéry, tratar-se-ia de aceitar a estética do poema como superior a qualquer discurso “da árvore”: “after all”, conclui Austin, “whatever the tree ‘says’, it is the poet who makes it speak. The plane tree, by its very negation, affirms the sovereign power of the poetic imagination.”²⁶

24 Cf. Stefano Mancuso e Alessandra Viola. *Sensibilidad e inteligencia en el mundo vegetal*. Trad. David Paradela López. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2015.

25 Philippe Descola. *Par delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.

26 L.J. Austin, op. cit., p. 10.

Sinto que desenvolvi com os plátanos do passeio público uma estranha forma de amizade. Não porque eu os tenha “adotado”, como se adotam parques e canteiros, para colocar placas com o nome de alguém. Mas porque me sinto adotado por eles, de alguma maneira inexplicável para mim. Há algo em mim que se comunica com os plátanos do passeio público. Uma empatia. Um sofrer junto. Talvez seja a condição do imigrantes, o que nos aproxima.

E também a questão do híbrido.

Do hispânico?

Talvez seja a condição do filho do imigrante alemão, branco, transplantado para o solo tropical do sul do Brasil, em 1914, anos antes de Valéry escrever sobre o plátano e sua “imobilidade” aterradora.

Eu passeio.

Por outro lado.

O Passeio Público de Curitiba foi criado em 1885 no governo de Alfredo Taunay, financiado pelo empresário e ervateiro Francisco Fasce Fontana e com supervisão do engenheiro Lazzarini.

A Secretaria de Meio Ambiente da Cidade de Curitiba considera que os plátanos são espécies exóticas (i. é, não nativas, e nem exóticas invasoras)²⁷.

Somos exóticos, eu e os plátanos.

Híbridos e exilados.

Estrangeiros.

Cerca de dez anos depois da época em que Valéry armava a sua impressionante máquina retórica – “machine à émouvoir” –, do outro lado do atlântico – onde os plátanos são chamados de “American sycomores” ou de “London planes” – William Carlos Williams observava um jovem plátano:

Jovem plátano

Preciso te contar
essa árvore jovem
cujo tronco rijo e redondo
entre a calçada

molhada e a sarjeta
(onde a água
escorre agora) se projeta
corporalmente

para o alto com
um impulso
ondulante até a metade —
e então
ramificando-se e minguando

²⁷ <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/a-origem-do-passeio-publico-127-anos-de-historia>

espraiando
galhos jovens para
todos os lados —

carregado de casulos
ele afina
até não sobrar nada
salvo dois

gravetos excêntricos
curvados
para frente
como chifres no topo²⁸

Se a amizade com os plátanos e com as plantas fosse possível, ela teria que ser pensada em termos de tempo e permanência.

Em termos de duração.

Muitos anos depois, voltei ao Passeio Público.

E fui visitar os plátanos.

Já não somos os mesmos.

Nem o Passeio Público.

ENXERTO METATÉCNICO

“Entre outras coisas, acredito que pensar o vegetal, que logo somos, pode nos ajudar a pensar o modelo baseado no indivíduo (sustentado pelo cogito), que é o modelo animal, a partir de um modelo baseado no *divíduo* – na *dividuação* vegetal. Pois lá onde o animal quer se recolher em si mesmo (em último limite, no humano, no egoísmo, na acumulação) o vegetal quer dividir[-se], quer integrar-se, quer frutificar em direção ao futuro comum [*avenir*]. O ato essencial do vegetal é o dom, no sentido da dádiva. E seu modo de viver é o “vivre ensemble”, “live together”, se quisermos remeter a questão, novamente, a Derrida. Há uma palavra inglesa que traduz bem isso, e que pede a transplantação: *togetherness*. O vegetal nos leva a pensar que há uma ética que se baseia mais em dividir do que em reter, em acolher mais do que escolher, em ofertar mais do que em apartar. Uma ética da generosidade, que é, em última instância, uma ética da hospitalidade.”²⁹

“O plátano não é um símbolo”³⁰, afirma o crítico J. Hillis-Miller, para confirmar o que já se sabe sobre o poeta imagista americano, um dos pais do objetivismo moderno. Diante do plátano e de seja lá

28 William Carlos Williams, “Young Sycamore” (1927). Tradução de João Pedro Moura Alves Fernandes, em: A inventividade de William Carlos Williams em tradução. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2021, p. 222-223.

29 Adalberto Müller. *Transplantações (do jardim da minha mãe)*. Juiz de Fora: Para.Texto, 2019, p. 92-93.

30 apud Fernandes, p. 222.

o que ele possa significar, o poeta se recusa a ir além dos limites da observação/descrição. Isso não quer dizer que não haja aí *nenhuma* retórica – pois o poema opera com uma métrica e com uma versificação (ainda que de forma menos regular) além das técnicas “cinematográficas” de corte e montagem, que não deixam de ser estéticas. Apenas, aqui a retórica procura se adequar, não ao que o poeta sente ou pretende dizer de antemão, mas, antes, ao modo como a “coisa” se inscreve na impressão subjetiva, tal como uma coisa (ou a imagem dela num determinado instante) se inscreve num filme de celuloide fotossensível.

Poesia fotossensível.

A alusão ao filme fotográfico vem a propósito.

Trata-se de pensar uma poética fotossensível, que, de alguma forma, emula também a fotossensibilidade do vegetal.

O tropo retórico se converte em tropismo.

Tropismo tropical.

Tropicalismo.

POMPONS

(envoi)

Concluo estas primeiras folhas de “O plátano e eu” com dois poemas traduzidos. Dois pompons para o meu “Plátano”. O primeiro, “Le Platane”, de Francis Ponge, é considerado como uma resposta velada a Paul Valéry³¹, e foi publicado na revista *Poésie 42* durante a ocupação nazista (1942). Trata-se de um poema eminentemente político (ou seja, público), que assume o caráter alegórico da poesia para reafirmar a voz da Resistência Francesa. O segundo, “The Sycamore”³², de Marianne Moore, mantém-se no registro objetivo do imagismo americano, mas aqui e ali vai colando ao tronco da árvore uma série de referências culturais, expandindo a relação entre linguagem e natureza, entre poesia e cultura. Do plátano de Williams ao de Moore parece ocorrer algo como uma explosão do figurativo – algo como ir de E. Hopper a J. Pollock.

O PLÁTANO

Tu bordearás sempre nossa avenida³³ francesa pela armação simples dos membros e por esse tronco claro, que se separa secamente da platitude das cascas,

Pela tremulação viril das tuas folhas em altas lutas no céu com as mãos planas mais largas porque fostes truncado³⁴,

Por esses pompons também, oh de raça mui antiga, que preparas em no limite dos galhos, para o rapto do vento.

Tanto que podem cair na rua empoeirada ou nas telhas de uma casa...

Tranquilos quanto ao seu dever, não te comoves com eles:

Não podes guiá-los, mas emites o bastante para que um só sucedâneo valha pelo orgulhoso Languedoc

Perpetuamente ao sombrear do plátano.

31 Cf. Ian Higgins, “Crevette, Platane, France”, *Cahiers de L’Herne Francis Ponge*.

32 Poema de *Like a Bulkwalk*, 1956.

33 “avenue” tem a mesma raiz de “avenir”, futuro.

34 “tronché” remete a “tronco”, mas também à divisão da França na Zona Ocupada e na Zona Livre (o sul, onde ficava o antigo Languedoc, nome que remete à língua falada na Idade Média no sul da França).

Francis Ponge. Tradução de Adalberto Müller

O PLÁTANO

Contra um céu chumbo-cromado
 vi uma girafa albina. Sem
 folhas por modificar,
 branco-camurça, acho
 que já disse, embora meio manchado na base,
 elevando-se junto à corrente
 de pedras de degrau junto ao riacho:
 glamour de despertar a inveja

de qualquer coisa de malhado –
 porco Hampshire, a pedra da sorte viva; ou
 a branca borboleta.

Um lugar comum:
 há mais que um tipo só de graça.
 Não gostamos de flores que
 não fanam³⁵; devem morrer, e nove
 pelos de camelo-fêmea de lembrete.

Digno de Imami,
 O Persa³⁶ – pegando-se a um duro talo
 jazia uma pequena
 coisa seca da grama,
 na forma de cruz de Malta³⁷
 discretamente formal
 como se a dizer: “E eu lá estava³⁸
 como um rato-do-mato em Versailles”.

Marianne Moore. Tradução de Adalberto Müller

(continua...)

A Eliane Leal

35 Referência às inflorescências do plátano, que não seguem o padrão das flores.

36 O famoso miniaturista que pintava com pelos de camelo no pincel é evocado para fazer pensar na delicadeza das flores que estão dentro dos pompons do plátano.

37 provável referência ao formato das folhas do plátano.

38 esse verso termina em “I” (eu), que rima de forma estranha com “Versailles”, refletindo talvez o espanto de Moore, que se sente minúscula diante da grandeza do plátano.

COMO CITAR

MÜLLER, A. O plátano e eu — (primeiras folhas). *Revista Cerrados*, 31(60), p. 59–73. 2022. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v31i60.47941> .